
Do transistor ao celular: anotações históricas sobre transformações da reportagem radiofônica a partir de tecnologias¹

Valci Regina Mousquer Zuculoto²

Arnaldo Zimmermann³

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O artigo (re)visita a trajetória do rádio no Brasil com foco em tecnologias que oportunizaram ao meio explorar suas características de mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade na produção de reportagens. Reflete-se, em perspectiva de (re)construção histórica, sobretudo as que mais impulsionaram reportagens externas e “ao vivo”. Percorre-se desde a invenção do transistor até a chegada e consolidação do celular no país, inovações que permitiram ao rádio protagonizar a cobertura jornalística através da reportagem. Busca-se bases para entender a presente reconfiguração do radiojornalismo. Recorre-se à análise documental e revisão bibliográfica, com subsídios da história. É pesquisa exploratória que parte de estudos anteriores sobre equipamentos e métodos específicos para produção de reportagens radiofônicas.

Palavras-chave: Rádio; Radiojornalismo; Reportagem Radiofônica; História do Rádio; Tecnologias.

Introdução

A mobilidade está presente com maior ênfase no rádio desde a segunda metade do século 20, tanto nos equipamentos de recepção e nos hábitos de escuta do ouvinte como na emissão das mensagens, especialmente nas transmissões ao vivo e simultâneas direto do palco dos acontecimentos. Este artigo busca (re)construir a trajetória da reportagem radiofônica pela ótica dos recursos tecnológicos que permitiram seu impulsionamento, transformando o meio rádio em protagonista dos acontecimentos, especialmente quando a demanda do tripé apuração-produção-circulação passa a exigir velocidade e encurtamento do lapso temporal entre o fato gerador da notícia e a transmissão do conteúdo ao público.

A facilidade histórica de transmissão em tempo real garantiu ao meio rádio as características de imediatismo e instantaneidade. A ubiquidade possível pelo uso de

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XLII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Comunicação (PUCRS). Pós-Doutora (ECO-UFRJ), Coordenadora da Rede de Pesquisa RadioJor e da Rádio Ponto UFSC. Diretora Científica da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR). Diretora da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), certificado no CNPq. E-mail: valzuculoto@hotmail.com

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, PPGJOR/UFSC. Mestre em Jornalismo pela UFSC. Especialista em Administração de Publicidade e Propaganda pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Graduado em Jornalismo pela Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina (UNISOCIESC). Graduado em Letras pela FURB. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) do PPGJOR/UFSC. E-mail: arnaldozimmermann@gmail.com

equipamentos móveis faz o rádio gerar diferentes graus do vivo, retratados, sobretudo, na realização de reportagens. Apesar de tais características estarem presentes no meio desde os seus tempos pioneiros, condições técnicas e tecnológicas, ao longo de sua história, demonstraram-se primordiais para a sua efetivação, consolidação e engajamento em um processo de evolução. E assim, o processo vem conjugando, concomitantemente, transformações nos modos de fazer e uso da linguagem, com utilização de novos aparatos técnicos e tecnológicos.

O objetivo geral deste artigo, portanto, é evidenciar as principais e mais determinantes inovações tecnológicas que potencializaram e constituíram a reportagem radiofônica externa, facilitando a intervenção ao vivo das emissoras, diretamente do local e no exato momento dos acontecimentos. O próprio advento do rádio é por nós compreendido como resultado de inovação tecnológica em comparação com outros meios de comunicação. E já na sua criação, expressou potencial de explorar características de mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade. Assim, desenvolve-se aqui discussão, sobretudo, de como os recursos radiofônicos técnicos e tecnológicos, desde a invenção do transistor até a chegada e a consolidação do uso dos celulares nas reportagens, possibilitaram ao rádio brasileiro protagonizar a cobertura dos acontecimentos através da reportagem externa. Nosso recorte temporal, deste modo, concentra-se entre a década de 1950 e a década de 1990.

Como forma de concentrar os esforços de pesquisa em um objeto específico e delimitado, nossa análise se restringe à utilização de tecnologias para a realização de reportagens radiofônicas externas como foco central, traçando demais avanços obtidos pelo rádio e pela sua reportagem como elementos paralelos e complementares à nossa delimitação no estudo.

As principais opções metodológicas são a análise documental e a revisão bibliográfica, recorrendo-se, para a sistematização de dados (re)coletados e reflexões acerca destes, também a aportes da história, em especial da história pública e da história da comunicação e do jornalismo. O apoio em subsídios de pesquisa da história pública, muito presente neste trabalho, vem permitindo que nossos estudos com orientações históricas evidenciem e observem por meio de fontes, dados, vestígios até incomuns ou pouco utilizados neste tipo de investigação (MAUAD, SANTHIAGO, BORGES, 2018; MAUAD, ALMEIDA, SANTHIAGO, 2016). O rádio, como temos percebido, é bastante rico em materiais com estes perfis, entre os quais destacamos profissionais que

rememoram e encontram novos dados no passado, estudos anteriores que podem ser revisados a partir de observações e leituras inéditas e mesmo gravações ou outros arquivos ainda não vasculhados. No presente artigo, recorremos em especial à revisão.

Assim, trata-se de uma pesquisa histórica, exploratória, com entendimento de que ao se debruçar sobre a trajetória de constituição da reportagem radiofônica imbricada com principais e mais determinantes inovações técnicas e tecnológicas que a impactaram, pode-se compreender melhor o presente e futuro do radiojornalismo. Isto, mesmo que a história do rádio no Brasil e, mais especificamente, a do seu radiojornalismo, já tenham sido abordadas em diversas outras pesquisas.

Nossa perspectiva, neste artigo, compartilha com compreensões de estudiosos da história da comunicação como Marialva Barbosa, para quem a história pode e deve ser submetida a revisões.

A história da comunicação, como qualquer história, passa periodicamente por revisões, seja porque foi descoberto ao acaso um arquivo precioso e que deixa ver sistemas de comunicação em toda sua complexidade, seja porque as inquietações do tempo obrigam a direcionar o olhar para o passado, tentando compreender turbilhões e redemoinhos de mudanças que avançam sobre cada um de nós no mundo que denominamos contemporâneo. (BARBOSA, 2017, p. 7)

Já o percurso teórico para a análise parte da localização histórica do rádio com o advento das primeiras reportagens externas, baseada em autores como Bernal (2005, 2006), Ortrivano (1990, 2002-2003), Zuculoto (2012), até mais recentes equipamentos que garantiram o caráter móvel deste meio de comunicação, sustentado em trabalhos de pesquisadores como Ferraz (2016), Gomes (2014) e Lopez (2009).

Com esta proposta, os autores deste artigo dão continuidade às suas pesquisas centradas nas transformações do jornalismo de rádio, mais especificamente as com viés histórico. Valci Zuculoto tem investigado, como projeto maior de pesquisa, as transformações contemporâneas e históricas do áudio e do radiojornalismo brasileiros. Arnaldo Zimmermann pesquisa, no seu doutoramento, a reconfiguração do formato reportagem radiofônica no ambiente hipermediático.

Jornalismo escasso e sem reportagens no “Rádio Pioneiro

Apesar da rápida evolução na programação radiofônica brasileira no período denominado de “Rádio Pioneiro”, entre os finais dos anos 1910 e da década de 1930⁴, o

⁴ Importante ressaltar que na concepção dos autores deste artigo acerca da história do rádio, o advento do meio no Brasil é localizado em 1919, com o início das transmissões da Rádio Clube de Pernambuco. Mas também não

jornalismo profissional ainda não fazia parte do conteúdo diário nem das tarefas cotidianas dos novos redatores e equipes de produção. Neste período, a notícia “é ainda incipiente e produzida a partir de simples transposições dos jornais impressos ou em forma de comentários das suas informações” (ZUCULOTO, 2012, p.45). A ausência de técnicas de produção que melhor aproveitassem as inovadoras especificidades do meio, como a mobilidade e o imediatismo, persistiu ainda por algumas décadas desde as pioneiras transmissões. Já ao pesquisar a constituição histórica da notícia de rádio no Brasil, foi possível observar que nem mesmo os textos das primeiras emissões eram totalmente adequados às características e linguagem específicas do meio. Ainda não se utilizava a maior parte do seu potencial para veiculação informativa.

A simples leitura de jornais ao microfone, na primeira fase do rádio, demonstra que o radiojornalismo no Brasil começou sem reportagem, como afirma Bessalho (2005, p. 2-3): “tinha-se, desde o início, a figura do apresentador que narrava as notícias ou fazia comentários”. Não existia, assim, a voz do repórter ou das fontes. A autora compara o nascimento do radiojornalismo sem a reportagem como, semelhantemente, ocorreu nos meios impressos. A respeito destes, Magali Moser (2012, p.1) também relata que “a reportagem – ou o trabalho desenvolvido pela personagem que viria a ser o/a repórter - só pode ser pensada, sobretudo, a partir do século XIX”, praticamente 200 anos após o início da imprensa.

Antes mesmo do surgimento da reportagem como conhecemos hoje no rádio brasileiro, um importante marco divisor no jornalismo radiofônico se evidencia como consequência da Segunda Guerra Mundial: o “Repórter Esso”. No Brasil, inclusive, é refletido, historicamente, como fundante do radiojornalismo nacional, isto em sua especificidade e modelo que padronizou especialmente o segmento comercial do nosso rádio, o que se tornou hegemônico na radiodifusão do país:

O aperfeiçoamento dos equipamentos e o desenvolvimento de sistemas de transmissão de maior alcance são consequências que ressaltam o aspecto jornalístico do rádio. Nesse contexto surgem no Brasil os primeiros programas que, em sua evolução, serão os pilares de sustentação que darão origem ao radiojornalismo praticado até

deixamos, na (re)visita à história do rádio que aqui procedemos, de citar os testes de 1922, com as irradiações das comemorações do centenário da independência do país, no Rio de Janeiro. Embora considerada a data “oficial” do início do rádio no Brasil, acolhemos e defendemos o pioneirismo da Rádio Clube de Pernambuco, em consonância inclusive com nossos referenciais baseados em aportes da nova história, sobretudo da história pública, e do entendimento que é preciso, especialmente quando avançam ou se modificam nossos conceitos, revisar a história, até mesmo aquela já pesquisada por nós.

nostros dias: o Repórter Esso e o Grande Jornal Falado Tupi. (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 72).

Devido à Guerra, o rádio se tornou o que Beltrão (1976, p.26) classifica de “informação de superfície”, uma especificidade do radiojornalismo que, mesmo passado o conflito, identificamos que vai permanecer como a base dos noticiosos radiofônicos.

No período inicial da chamada “Era de Ouro” do rádio, na década de 1940, o radiojornalismo tem como principal fonte de informações as agências de notícias, que influenciam e ditam rumos ao jornalismo praticado no Brasil. Em contraste aos grandes investimentos em produção dos famosos programas radiofônicos, como radionovelas e shows de auditório com celebridades do mundo da música e das artes, o jornalismo funcionava ainda sem a apuração por repórteres e outros profissionais em contato direto com as fontes ou nos locais dos acontecimentos. Neste período, apesar de o rádio brasileiro já ter superado em parte a precariedade técnica que marcou seus tempos pioneiros, ainda não é comum a prática da reportagem externa com maior utilização das características do imediatismo e instantaneidade, esta em especial. É na próxima fase histórica que mais são usadas para a apuração. Muito em função das normas, orientações e da Seção de Jornais Falados e Reportagens (considerada a primeira redação específica de radiojornalismo no país), implantadas por Heron Domingues na Rádio Nacional do Rio de Janeiro a partir do Repórter Esso, é na década de 1950 que a reportagem radiofônica se consolida como conceituação e prática (ORTRIWANO, 2002-2003).

O transistor como principal tecnologia de impulso à reportagem de rádio

Com o fim da “Era de Ouro” no rádio brasileiro em meados da década de 1950, é dada a primeira e grande sentença de morte para este meio que figurou como o mais popular até então. A chegada da televisão não representou apenas uma concorrência, mas um forte golpe com o deslocamento dos maiores atrativos de um meio exclusivamente sonoro para um meio audiovisual. Para Ortriwano, a TV “ocupou o primeiro plano entre os meios de comunicação, levando consigo as verbas publicitárias, os profissionais e a audiência” (ORTRIWANO, 1990, p.82).

Neste período, denominado de “Pós-televisão”, entre a década de 1950 e 1970, o rádio conseguiu driblar sua decretada morte com uma série de novos instrumentos tecnológicos.

Terminada a *fase de ouro*, o rádio encontra na eletrônica seu maior aliado. Uma série de inovações tecnológicas são especialmente

favoráveis ao renascimento do rádio e à transmissão jornalística. Entre elas, o gravador magnético, o transistor, a frequência modulada e as unidades móveis de transmissão (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 76).

Estas inovações a que se refere Ortriwano representam marcos que modificaram, em busca de aperfeiçoar, não apenas a qualidade de transmissão e recepção radiofônica, mas sobretudo para facilitar, agilizar e tornar ainda mais imediata a emissão da reportagem externa. Possibilitaram, por exemplo, transmitir além de notícias sintéticas que caracterizavam sobremaneira o jornalismo radiofônico à época, veiculando mais informações em formato exato de reportagem, incluindo mais dados e fontes. Entretanto, no caso do gravador magnético, a inovação também trouxe maior controle sobre a informação veiculada.

[...] se, por um lado, o gravador magnético deu ao rádio maior agilidade, mais versatilidade, barateou custos, pois programas – ou trechos – poderiam ser repetidos e melhorou a qualidade das gravações externas, por outro, permitiu também maior controle sobre o conteúdo das mensagens: passou a ser viável fragmentar as entrevistas, depoimentos, etc. e remontar os trechos selecionados, procedimento que se tornou rotineiro. Se antes era conveniente que se empregasse a síntese na emissão, na elaboração da mensagem por parte de seu autor, com o surgimento do gravador magnético tornou-se possível obter essa síntese pretendida cortando os trechos indesejados. (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 76).

Ressaltamos, porém, que de todas as inovações do período após o fim da chamada “Era de Ouro” e que muito contribuíram à sobrevivência do meio, o transistor foi o grande responsável, enquanto tecnologia, para a reinvenção do rádio e a evolução da produção da reportagem, principalmente da externa. Foi o transistor, na verdade, que proporcionou outras novidades eletrônicas da época. O próprio gravador, ao se transistorizar, impulsionou mais ainda a reportagem, em especial na exploração das características radiofônicas de mobilidade e imediatismo. E ao servir para disseminar as unidades móveis de transmissão, impulsionou e consolidou, no dia a dia do radiojornalismo, a prática das reportagens externas ao vivo.

O transistor permitiu, ainda, o desenvolvimento de aparelhos portáteis de recepção, culminando na famosa expressão de que “o rádio saiu da sala e foi para a cozinha”. Mas essa novidade tecnológica que substituiu as velhas e grandes válvulas, também influenciou a transmissão das mensagens radiofônicas, garantindo definitivamente a mobilidade tanto para o emissor quanto para o receptor. “A tecnologia do transistor surgiu no dia 23 de dezembro de 1947. A proposta, apresentada por

cientistas da Bell Telephone Laboratories, tinha como objetivo ampliar sinais elétricos através do uso de gerânio como material semicondutor” (LOPEZ, 2009, p.4). Para Sônia Virgínia Moreira (1999, p.212), a invenção popularizou e massificou o aparelho receptor:

A invenção do transistor, em 1947, tornou o rádio acessível, de fácil manuseio e preço reduzido. Depois dos anos 60, os aparelhos transistores miniaturizados, portáteis e baratos invadiram o mercado ocidental e assinalaram o início da massificação do rádio em países do Terceiro Mundo onde, na falta de energia elétrica, funcionava a bateria. (MOREIRA, 1999, p.212)

A novidade aportou no Brasil na década de 1950 e se popularizando na década seguinte, transformando totalmente a forma de cobertura jornalística, com a possibilidade de narrar o fato direto do local do acontecimento. “O jornalismo destacou-se no período, mostrando agilidade na cobertura de notícias, com entradas ao vivo, diretamente do local onde aconteciam os fatos, e com entrevistas realizadas fora do estúdio” (NEUBERGER, 2012, p.72).

A facilidade de deslocamento com os novos e menores equipamentos de apuração, produção e transmissão fez com que a reportagem radiofônica, em moldes como conhecemos até hoje, de vez estivesse presente na programação das emissoras e explorasse cada vez mais a mobilidade, o imediatismo, a ubiquidade e a instantaneidade. Intervenções e entrevistas ao vivo, diretamente dos locais e nos momentos exatos dos acontecimentos passaram a constituir o cotidiano dos repórteres.

Para Luiz Beltrão, novas fronteiras foram derrubadas por intermédio da tecnologia: “o transistor permitiu a sintonização do homem com seus irmãos distantes, sem quaisquer barreiras” (BELTRÃO, 1968, p.113 apud GOMES, 2014, p.54). O semiólogo Roland Barthes, em seu ensaio “A escrita do acontecimento”, observou o protagonismo alçado ao rádio nos movimentos de maio de 1968, em Paris, devido à nova tecnologia aplicada ao meio: “o transistor tornou-se apêndice corporal, a prótese auditiva, o novo órgão de ficção científica de certos manifestantes; pela repercussão imediata do ato, ela inflectia, modificava o acontecimento” (BARTHES, 2008, p.214).

Se na fase do “Rádio Pioneiro”, a leitura direta de jornais impressos no ar era a característica embrionária do radiojornalismo e a dependência das informações das agências de notícias dominaram o período da “Era de Ouro”, a reportagem radiofônica passou a ser o fator diferencial do jornalismo radiofônico no período “Pós-televisão”, com apuração e produção própria das informações.

De acordo com Mauro de Felice (1981, p.69), nesta fase, linhas de telefonia exclusivas e microfones eram instalados antecipadamente em locais de eventos pautados para cobertura das emissoras: “operadores e radiorepórteres saíam juntos para as tarefas, e a primeira providência era a instalação de microfones nos locais onde se realizariam as solenidades”. A evolução na disponibilização de linhas telefônicas, devido a melhorias nas telecomunicações brasileiras e à transmissão via micro-ondas em meados da década de 60, também garantiram um impulso do “ao vivo” nas reportagens.

Em 1955, no início da era do transistor, o número de aparelhos receptores de rádio no Brasil ainda era limitado. Segundo Klöckner (2008, p.25), nessa época eram “477 emissoras de rádio e o total de aparelhos receptores atingia quase um milhão”. Na equação entre aparelhos transmissores móveis e menores - como gravadores portáteis e estações móveis nos automóveis - e a miniaturização dos aparelhos receptores, surge também a preocupação com o conteúdo e a linguagem adotada no jornalismo a partir de então: “as sonoras das reportagens tornaram-se menores para que a mensagem não provocasse dispersão da audiência. O trabalho do repórter e a naturalidade das histórias se esvaíram, impostos pela “nova ordem” de modificação da linguagem” (FERRAZ, 2016, p.70). Sem a possibilidade de redação prévia de textos a partir da coleta de informações nas ruas, o tom coloquial de repórteres e apresentadores começa a desenhar o estilo de comunicação jornalísticas que reinaria nas décadas seguintes, com cada vez mais ênfase no “ao vivo” e no improvisado.

Para Ferraz (2016), as novas possibilidades técnicas causaram uma profunda modificação no conteúdo radiojornalístico: “a informação no rádio, sendo feita ao vivo, passou a exigir dos jornalistas que iam ao ar o improvisado no lugar de textos escritos, tanto dos que estavam no estúdio, quanto dos que estavam na rua” (FERRAZ, 2016, p.72). Conforme Gomes (2014), as unidades móveis de transmissão instaladas nos carros das emissoras colocam o jornalista no ambiente de pauta, podendo finalmente relatar ao vivo os acontecimentos em tempo real: “esta reinvenção explora o imediatismo e a mobilidade. Nesta época, embora já fosse possível a transmissão radiofônica do local do evento, as entradas na programação precisavam ser curtas, pois os equipamentos eram alimentados pela bateria do automóvel” (GOMES, 2014, p.57).

Marco importante na realização de reportagens externas no rádio foi o início dos “Comandos Continental” na Rádio Continental do Rio de Janeiro, no início da década

de 1950, priorizando o jornalismo direto nas ruas, como informa Besspalhok (2006, p.69): “era realmente uma maneira de priorizar a rua e a transmissão externa em detrimento da produção de notícias, que geralmente é feita de dentro da emissora”. O *slogan* da Continental era “A que está em todas”, fazendo justamente referência à transmissão das notícias diretamente dos locais do acontecimento. A cobertura jornalística dos “Comandos Continental” nas ruas do Rio de Janeiro, também inaugurando o uso de carros como unidades móveis específicas para externas, igualmente fornecia informações para a redação dos noticiários que ainda mantinham a fórmula “Esso” de transmissão de notícias (ZUCULOTO, 2012, p. 109-110). Segundo Besspalhok (2006), a emissora usava, na época, dois microfones sem fio chamados de BTP em suas externas e trabalhava diariamente com dois carros volantes. Os carros da Continental circulavam diariamente pelas ruas, sendo que um deles cobria pautas previamente agendadas e o outro percorria a cidade em busca do inusitado e do inesperado, especialmente assuntos como assaltos, incêndios, enchentes ou desabamentos (BESPALHOK, 2006, p.71-72). Os microfones BTP⁵, utilizados pela Continental nas décadas de 1950 e 1960, gradualmente foram substituídos, nos anos de 1970 a 1990, por transmissores menores do tipo HT (Hand talk). Isto ocorreu na maioria das emissoras de rádio do país.

A era do celular e o novo impulso à reportagem de rádio

No período entre 1960 e 1990, as emissoras continuaram a utilizar diferentes modelos de microfones sem fio e linhas telefônicas fixas para transmitir reportagens externas. No caso das linhas telefônicas, as mesmas eram instaladas com antecedência nos locais programados, não se configurando, portanto, em coberturas jornalísticas de fatos imprevistos pelas equipes de jornalismo.

Já as Unidades Móveis instaladas nos carros das estações, garantiam uma cobertura mais factual, pela possibilidade de aproximação física com o local do acontecimento. Essas unidades, muito populares na maioria das emissoras, eram “sistemas de rádio transmissores de médio alcance que serviam como canal de comunicação direta entre a redação e o jornalista” (ZUCHI, 2004, apud LOPEZ, 2009, p.473). Apesar da grande vantagem da mobilidade, havia o problema da limitação de

⁵ O BTP era um microfone portátil com aproximadamente 40 centímetros de altura, com duas alças de ferro, movido à bateria e operando como um pequeno transmissor. Necessitava que um operador de áudio à distância sintonizasse o som do microfone para fazer as transmissões externas (GOMES apud BESPALHOK, 2006, p.190).

tempo de transmissão ao vivo devido à alimentação do equipamento que era feita pela bateria do automóvel (PARRON, 2002-2003 apud LOPEZ, 2009).

O telefone fixo também teve um papel essencial nas reportagens radiofônicas, mas com uma validade parcial, já que não acompanhava a movimentação do fato e “exigia que o jornalista, muitas vezes, se ausentasse do palco da ação para realizar a transmissão e, com isso, perdesse informações” (LOPEZ, 2009, p.473). Muitos repórteres chegavam a utilizar telefones privados e telefones públicos (orelhões) para a transmissão o mais próximo possível de um acontecimento.

Com a chegada dos telefones celulares no Brasil em 1990, a reportagem externa no rádio finalmente ficaria livre de fios, baterias de automóveis e de uma limitação mais rígida no tempo de transmissão imposto pelos aparelhos das gerações anteriores. A primeira ligação oficial de um protótipo de telefone celular no planeta foi realizada em 1973, em Nova York, pelo engenheiro Martin Cooper, da Motorola. Mas, no Brasil, a novidade só começou a ser utilizada a partir de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro, com a chegada do primeiro modelo de celular no país, o Motorola PT 550, com 22 centímetros e pesando 348 gramas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

Para Debora Lopez, com o advento da telefonia móvel através do aparelho celular, “os repórteres poderiam ser localizados a qualquer momento, para que fossem mobilizados para uma cobertura factual, com fronteiras de transmissão mais tênues do que as anteriores, com as unidades móveis” (LOPEZ, 2009, p.7). Conforme Meditsch (2007), o radiojornalismo ao vivo, como fator dominante nas programações informativas, só foi possível com o avanço paralelo nas telecomunicações.

A telefonia móvel celular e a telefonia direta por satélite romperam os últimos obstáculos à mobilidade na produção, dispensaram a necessidade de instalação de sistemas próprios de radiocomunicação com os repórteres, nas emissoras, e aumentaram a autonomia dos jornalistas em relação aos controles governamentais, exercidos através das redes físicas (MEDITSCH, 2007, p.116).

Com a popularização dos celulares nos primeiros anos da década de 1990, não só repórteres ampliaram sua capacidade de transmitir informações em tempo real, direto do local dos acontecimentos, como também ouvintes passaram a gerar pauta e conteúdo para a reportagem e equipes de jornalismo. Marcelo Parada (2000) recorda que o telefone celular, em sua fase inicial, transformou a reportagem radiofônica e também a participação da audiência, esta no papel do chamado “ouvinte-repórter”. Para a reportagem radiofônica, houve grande modificação, por exemplo, na cobertura de

trânsito e outras ocorrências externas, sendo possível “informar tudo em tempo real, antes mesmo que a polícia” (PARADA, 2000, p.116). O advento do celular também produziu nova dinâmica de relação com fatos e fontes, na percepção de Juliana Gomes:

O relacionamento com as fontes também foi beneficiado com a novidade. Estas passaram a ser localizadas e ouvidas em qualquer lugar e mesmo em deslocamento. Para o repórter que sai para uma externa, a checagem da pauta pode ser realizada já durante o percurso para o local do acontecimento, ouvindo pessoas e recebendo dicas da produção por meio dos recursos da telefonia móvel. (GOMES, 2014, p.82)

Ao longo da década de 1990, o uso dos telefones celulares pelas emissoras de rádio foi de aplicação predominantemente sonora, já que a tecnologia, naquela década, ainda dava os passos iniciais para a transmissão de textos, via SMS⁶ e internet. Naquela fase, outros equipamentos com tecnologia digital já alteravam determinadamente a rotina de produção e edição de reportagens e conteúdos radiofônicos:

Em termos de equipamentos digitais para produção, gravação e arquivamento, os programas radiofônicos, em poucos anos, passaram rapidamente por diferentes tecnologias digitais de registro: *Mini disc* (MD), *Digital Audio Tape* (DAT), *Digital Compact Cassete* (DCC). O uso desses equipamentos digitais permitiu, principalmente, reprodução infinita sem perda de qualidade, sem degeneração de cópia; fácil manejo; grande capacidade e facilidade de armazenamento; busca rápida e facilitada do segmento desejado; e edição não linear (ZUCULOTO, 2012, p.154).

A partir do novo milênio, porém, o avanço da tecnologia das telecomunicações, através do telefone celular, alça o rádio do mundo sonoro para o mundo audiovisual e multimídia. Isto ocorreu a partir do momento em que celulares, convertidos contemporaneamente em *smartphones*, passam a fotografar, filmar, gravar áudio e, principalmente, navegar livremente pela internet com as tecnologias 3G, 4G e “Wi-fi”. A independência na transmissão sonora conquistada pelo repórter com o transistor na década de 1950 e potencializada com os primeiros celulares na década de 1990, passa a agregar a possibilidade de captação, produção, edição e circulação diretamente das ruas, como reforça Gomes:

O incremento crescente dos aparelhos celulares possibilita a gravação e o envio de sonoras, com o uso de internet sem fio, potencializando a agilidade característica do meio. Com um notebook, gravador digital e acesso à web, a produção de rádio pode ser feita integralmente fora da

⁶ As primeiras mensagens de SMS (Short Messaging Service) por celular no mundo foram enviadas em 3 de dezembro de 1992, pelo engenheiro Neil Papworth no Reino Unido. Fonte: <https://olhardigital.com.br/noticia/primeira-mensagem-sms-completa-25-anos/72733>

emissora; é o radiojornalismo produzido em ambiente móvel. [...] Tudo isso é particularmente importante em coberturas de desastres, acidentes e até mesmo de guerras e conflitos. (GOMES, 2014, p.90-94)

Ocorre, neste novo cenário tecnológico, mais uma vez a reconfiguração de linguagens e de organização de pauta e produção na reportagem radiofônica. Consolidase o improvisado, sem uma completa elaboração/redação prévia, por parte dos repórteres, antes das entradas ao vivo na programação. Assim, mais e mais se aproximam da linguagem coloquial, da conversa com a audiência, defendida como a mais adequada à mensagem radiofônica. Esta (re)aproximação com o público vem a estabelecer um novo padrão de conversa e interação tanto com o ouvinte passivo quanto com o partícipe. Ferraz (2016) vê o fenômeno como uma possibilidade de contar com milhares de repórteres amadores ouvintes-pauteiros, que podem enviar algum áudio interessante para complementar uma reportagem da emissora.

Neste sentido, o avanço da tecnologia permite que o repórter busque informações amplas a fim de melhor contextualizar o fato, captando, ao mesmo tempo, detalhes locais do acontecimento, com a contribuição de colaboradores informais. É o ouvinte se deslocando “de sua passividade como consumidor de notícias para um nível de maior interação com o acontecimento e com a circulação das informações, proporcionando uma melhor interpretação sobre o conteúdo noticiável” (ZIMMERMANN, 2012, p.183).

Considerações

Ao se (re)visitar principais percursos e balizas técnicas e tecnológicas que vêm permitindo ao radiojornalismo desenvolver um de seus fazeres basilares, a reportagem, mais uma vez é possível confirmar o quanto estas inovações estão histórica, indissociável e determinantemente imbricadas com a trajetória do jornalismo de rádio. Também dos usos que este faz das potenciais características do meio, sobretudo da mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade. Características que se transformam, mas permanecem, algumas inclusive mais radicalizadas, mesmo na contemporaneidade, quando o rádio da era virtual se expande para além das antenas. Transbordando para internet, onde se executa não apenas nos sites das emissoras hertzianas e nas exclusivas webrádios, também transmitindo via redes sociais, novos suportes e plataformas.

Para se compreender este contexto contemporâneo, em que o rádio se reinventa, ocupando e resistindo, agora também no ambiente de convergência multimídia e de multiplataformas de produção, veiculação e transmissão, é importante revisar o passado, tanto o mais distante quanto o mais recente. Pode-se encontrar novas pistas e vestígios, fazer novas leituras para observação da atualidade.

Ao fim deste artigo, nossas reflexões são ainda iniciais, já que, aqui, optamos por (re)visitar a trajetória do rádio e de suas tecnologias com recorte naquelas que se evidenciaram mais determinantes, não somente para o meio, mas, em especial, para a reportagem radiofônica externa, que é o foco da nossa pesquisa neste momento. Embora nosso recorte temporal tenha se concentrado entre as décadas de 1950 e 1990 (do transistor ao celular), a recuperação de aspectos históricos da fase pré-transistor, com a introdução do radiojornalismo no Brasil, e o período de desdobramentos do uso do celular, chegando até a contemporaneidade, tornaram-se essenciais para a compreensão dessa linha histórica.

Na presente (re)constituição, justamente quando o rádio no Brasil chega ao seu centenário, considerando-se a entrada no ar da Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, corroboraos entendimentos, acentuados em nossas pesquisas sobre suas transformações históricas, de que o meio é um dos mais adequados à transmissão do jornalismo. Isto, em especial por suas características de mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade, potencializadas pelas tecnologias ao longo de seu percurso.

E como foi possível observar ao se proceder esta revisão histórica, ao aumentar suas capacidades para ser um dos meios mais ágeis tanto na captação, produção como na transmissão das informações, impacta sobretudo a prática da reportagem. Potencial que vem aumentando, principalmente em decorrência da evolução das suas tecnologias, e que no decorrer de sua história não tem sido totalmente explorado e utilizado. Nas reportagens é onde mais praticamos – ou podemos praticar - o uso de características e recursos do rádio e sua linguagem específica.

Como diz Marialva Barbosa em entrevista à Revista Uninter de Comunicação (HECK *et al*, 2019), “[...] tem um passado que deve ser compreendido para que você entenda tais fenômenos na sua complexidade [...] Não há presente absoluto, esse está inserido em uma linha temporal que vem do passado até agora, e esses processos se complexificam ao longo desse tempo.” Conhecer e compreender a trajetória de

constituição do radiojornalismo, com ênfase na sua fundamental prática que é a reportagem, torna-se, portanto, essencial para o entendimento do seu cenário contemporâneo e do atual fazer radiojornalístico.

Referências bibliográficas

BARBOSA, M. (org.). **Os manuscritos do Brasil** – Uma rede de textos no longo século XIX. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense – EDUFF, 2017.

BARTHES, R.. A Escrita do acontecimento. In: MEDITSCH, E.; ZUCULOTO, V. (Orgs.). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008, p. 213-218.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BESPALHOK, F. L. B.. Reportagem Externa Radiofônica: A Experiência da Emissora Continental na Construção da História do Radiojornalismo Brasileiro. In.: Congresso Brasileiro da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais[...]** São Paulo: INTERCOM, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1337-1.pdf> Acesso em: mai., 2019.

BESPALHOK, F. L. B.. **A prática da reportagem radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, SP. 2006. p. 340. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89453>. Acesso em jun., 2019.

FELICE, M. de. **Jornalismo de Rádio**. Brasília: Thesaurus Editora, 1981.

FERRAZ, N.. **Reportagem no rádio**: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2016. p. 396. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-25072017-150144/pt-br.php>. Acesso em: jun., 2019.

Do 'isto fala' ao 'zap zap'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 97, n. 32.404, p. 8, 21 dezembro 2017. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48108&anchor=6074416&origem=busca&pd=41aeea39871317aefb3c5f19b572604c>. Acesso em: jun., 2019.

GOMES, J. **Impactos da mobilidade do rádio na produção do radiojornalismo**: um estudo dos programas Gaúcha Repórter e Notícia na Tarde. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2014. p. 185 Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PJOR0065-D.pdf>. Acesso em: jun., 2019.

HECK, A. P. *et al.* **Mirar o presente olhando o passado**: o risco do foco presentista nos estudos de comunicação permeados pela mídia. Entrevista com Marialva Barbosa. Revista Uninter de Comunicação. Curitiba, v. 7, n.12, p. 129-131, jun. 2019.

KLÖCKNER, L. **O Repórter Esso**: a síntese radiofônica mundial que fez história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LOPEZ, D. C.. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. In: KLÖCKNER, L.; PRATA, N. (org). **A história da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (orgs.). **História Pública no Brasil – sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T.. (Orgs). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular; Ed. UFSC, 2007.

MOREIRA, S. V. Rádio@Internet. In: BIANCO, N. D. ; MOREIRA, S. V. (orgs). **Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, DF: UnB, 1999.

MOSER, M.. **Apontamentos sobre a invenção da reportagem**. In.: Congresso Brasileiro da Comunicação, 41, 2018. Joinville, SC. **Anais[...]** São Paulo: INTERCOM, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0449-1.pdf> Acesso em: jun., 2019.

NEUBERGER, R. S. A.. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012. Disponível em: <https://blog.ufba.br/portaldoradio/files/2012/10/O-r%C3%A1dio-na-era-da-converg%C3%Aancia1.pdf>. Acesso em: jun., 2019.

ORTRIWANO, G. S. **Os (des) caminhos do radiojornalismo**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo. São Paulo, SP. 1990.

ORTRIWANO, G. S.. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de uma história. In.: **REVISTA USP**, São Paulo, n.56, p. 66-85, dez/fev 2002-2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33808/36546/>. Acesso em: jun., 2019.

PARADA, M.. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

ZIMMERMANN, A.. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2012.

ZUCULOTO, V. R. M.. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.